

Metáfora: a funcionalidade do tropo na articulação da retórica e da filosofia na mundividência renascentista

ANA C. MARTINS
Universidade de Coimbra
Portugal

RESUMO. Desde os fundamentos aristotélicos que o processo de *metapherein*, assente na *similitudo* e transferência semântica, concilia, de forma promissora, a argumentação retórica e a problematização filosófica, forma e conteúdo, *res et uerba*. Os humanistas quinhentistas, fiéis a esta indissociabilidade e na esteira do ideal de *imitatio* e *aemulatio* do legado da Antiguidade Clássica, rentabilizaram as virtualidades e potencialidades da metáfora, convertendo o tropo num instrumento de pedagogia, de génese e criação literárias. A historiografia renascentista é pejada, por isso, de tratados e colectâneas, repositórios enciclopédicos de sentenças morais, que estão a serviço da formação integral e que espelham um escrupuloso e afincado trabalho filológico. O homem renascentista é, assim, instigado a reflectir sobre a sua *natura*, diante da sua condição dual, dos seus vícios e virtudes, das suas forças e fragilidades, e a leitura metafórica ajuda-o, neste sentido, a redimensionar o mundo e a projectar-se nele, a representar, a conhecer e a descobrir(-se) na sua condição polimórfica, nas suas misérias e nos seus sonhos.

PALAVRAS-CHAVE. *Metapherein*; transferência; potencial heurístico e ecfástico; capacidade cognoscitiva da linguagem; representação simbólica do homem e do mundo.

La metafóricidad es un ámbito ligado a las más primordiales realidades humanas: a partir de la metáfora se constituyen para nosotros el mundo, lenguaje y pensamiento. El pensar metafórico es el modo esencial humano de hacer (*actio*), decir (*oratio*) y conocer (*logos*); el modo desde el que originariamente se abren al mundo, desde la intimidad de una imagen, el hecho, la palabra y la idea.¹

Email: anitaamicitia@hotmail.com

¹ J.S. FERNÁNDEZ (ed.), *Metáfora y discurso filosófico*, Madrid, Editorial Tecnos, 2000, p. 11.

A citação de José Sevilla Fernández circunscreve a metáfora às três dimensões primordiais – *actio, oratio* e *logos* –, denunciando as (poli)valências e complexidades deste tropo, nas mais variadas áreas epistêmicas. Nesse sentido, deve ser feita *a priori* a seguinte salvaguarda metodológica: a metáfora enquanto tropo discursivo tem suscitado o interesse e o estudo de vários especialistas, constitui um lugar comum a todos eles, não só pela fertilidade de leituras como pelas múltiplas abordagens que oferece². A sua análise é reclamada por domínios tão transversais quanto os da pragmática, semiótica, retórica, poética, filosofia da linguagem, literatura e análise do discurso, entre outros. Desta forma, qualquer que seja a nossa análise é sempre um olhar parcelar, fraccionário e em progresso, tornando-se imprescindível contextualizar, no nosso trabalho, o interesse específico sobre o fenómeno.

² Pela sua polivalência, a metáfora tem suscitado o interesse de muitos intelectuais e estudiosos, que sobre ela se debruçam nas suas mais variadas dimensões: teologia, pedagogia, metafísica, mitologia, semântica, pragmática, filosofia, cognitivismo, análise do discurso, invenção e criação poética, estilística. A título de exemplo podemos enumerar alguns trabalhos tais como: J.R. SEARLE, *Sens et expression*, Paris, Les editions de Minuit, 1982; M. TURNER, *Poetry: Metaphor and the Conceptual Context of Invention*, Poetics Today 11.3, Tel Aviv, Duke University Press, 1990, p. 463-82; M. BERGMANN, *Metaphor and formal semantic theory*, Poetics 8, North-Holland Publishing Company, Amsterdam, 1979, p. 213-30; V. DIJK, *Studies in the pragmatics of discourse*, The Hague, Mouton Publ., 1981; G. LAKOFF; M. TURNER, *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*, Chicago, The University of Chicago Press, 1995; S.C. LEVINSON, *Pragmatics*, Cambridge Textbooks Linguistics Series, Cambridge University Press, 1997; A. GANGLOFF, *Mythes, fables et rhétorique à l'époque impériale*, Rhetorica 20.1, University of California Press for International Society for the History of Rhetoric, 2002; J.A. MAYORAL, *Figuras Retóricas – teoría de la Literatura y Literatura comparada*, Madrid, Editorial Síntesis, 1994; Y. SHEN, *Metaphors and conceptual structure*, Poetics 25, 1-16, 1997; N. CHARBONNEL, G. KLEIBER, *La métaphore entre philosophie et rhétorique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1999; J.J. THOMAS, *Metaphor: the image and the formula*, Poetics (Israel) 8, 479-501, 1987; Z. RADMAN, *Metaphors: figures of the Mind*, London, Kluwer Academic Publishers, 1997; A. ORTONY, 'Metaphor and thought', in *Metaphor and thought*, Cambridge, 1993, p. 1-19; G. LAKOFF, *Metaphors we live by*, Chicago, 1980; S. NEWMAN, 'Recognizing a Rhetorical Theory of Figures what Aristotles tells us about the relationship between the figures of speech', in *Advances in the History of Rhetoric* 4, 13-25, 2000; A.M. JIMÉNEZ, *Retórica y Literatura en el siglo XVI: el Brocense*, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Valladolid, 1997, p. 81; DUMARSAIS-FONTANIER, *Les tropes*, publiées avec une introduction de M. Gérard Genette, Tome I, II, Genève, Slatkine Reprints, 1967; P. RICOEUR, *La Métaphore vive*, Paris, Seuil, 1975; J. DERRIDA, 'La mythologie blanche (la métaphore dans le texte philosophe)' in *Marges de la philosophie*, Paris, Minuit, 1972, p. 247-324; H. ADANK, *Essai sur les fondements psychologiques et linguistiques de la métaphore*, éd. Union, Genève, 1939; Z. RADMAN, *Metaphors: figures of the Mind*, Kluwer Academic Publishers, London, 1997.

Iremos, sim, recolher e sistematizar alguns dos traços classificatórios da sua actividade cognoscitiva, enquanto estruturadora e estruturante da linguagem retórica e configuradora do pensamento filosófico, para que, consequentemente, possamos estabelecer a interface entre estes dois domínios epistémicos. Numa fase posterior da nossa análise iremos, ainda, avaliar as potencialidades deste tropo na historiografia humanista e as suas virtualidades para a tratadística pedagógica do Renascimento.

Na verdade, o que pode constituir à partida uma limitação metodológica pode ser também a base para a nossa reflexão: a labilidade entre a dimensão epistémica na dimensão figurativa do *logos*. Na verdade, José Herculano de Carvalho alega que o desafio que se impõe quando nos debruçamos na análise de um tropo é o facto da linguagem e metalinguagem se sobreporem e da linguagem ser, simultaneamente, o seu instrumento e o seu objecto³. Hector Zagal afirma que

quando le cerramos la puerta principal a las metáforas, éstas se cuelan en la casa de la filosofía por la puerta de servicio o por alguna rendija del sótano. Significa esto que solo hay metáforas? Significa que metalenguaje y lenguaje están ibricados? Significa que metalenguaje y lenguaje están imbricados y se confunden continuamente?

Em boa verdade, toda a linguagem é metafórica⁴, apresentando um espectro de variação desde as manifestações mais vivas até às mais cristalizadas ou latentes – cujo uso *traslato* vai diluindo o seu valor metafórico. O nosso foco de análise incidirá sobre os primeiros enunciados, aqueles que se convertem em valências retóricas e que contribuem para o acto criador e cognoscitivo da linguagem, para assim reconhecermos de que forma podem eles contribuir para o movimento de descoberta e conhecimento do homem.

³ J.G.H. CARVALHO, *Inovação e criação na linguagem. A metáfora*, in separata da Revista da Universidade de Coimbra 20, 5-18, 1962.

⁴ A título de exemplo vejamos o caso do seguinte sintagma: ‘chegamos à conclusão’ – verbo ‘chegar’ que, do valor de deslocação espacial, se transferiu para o de deslocação intelectual; ou, até mesmo, o substantivo ‘conclusão’, que transitou da categoria verbal latina *conclusio* (de *concludere*), que significa uma acção de fechar.

Caracterização da metáfora como tropo retórico: do mundo epistémico da Antiguidade Clássica aos constructos teóricos modernos

Desde Aristóteles⁵ que o processo de *metapherein*⁶ se associa a um significado semântico de ‘transportar’ e ‘aproximar’ coisas distantes entre si através de símiles e pela associação de traços comuns. Na verdade, esta associação não deveria ser nem demasiadamente explícita ou transparente⁷ nem demasiado opaca, sustentada na lógica de que quanto mais desafiante for o processo de descoberta do símile, tanto maior é a originalidade e o vigor da metáfora na sua função de *pro ommaton poiein*⁸. Aristóteles distingue e tipifica, na sua *Poética*, quatro géneros de metáforas:

1. Transferência de uma expressão própria de um género para uma espécie. Ex.: ‘o barco descansa’ em vez de ‘o barco está ancorado’
2. Transferência de um termo próprio de uma espécie a um género. Ex.: ‘Ulisses empreendeu “milhas” de ações famosas’
3. Transferência de um termo específico a outro termo específico. Ex.: cortar e extinguir pertencem à espécie de separar.
4. Quando a metáfora nasce daquilo que parece comum a uma proposição, quando os dois termos comungam um mesmo traço semântico. Ex.: ‘a velhice é o entardecer da vida’.

O gramático humanista António de Nebrija (1441-1522) na sua *Grammatica Castellana*, recuperando estes pressupostos clássicos aristotélicos e quintilianos, afirma: ‘metaphora es quando por alguna propiedad semejante hazemos mudança de una cosa a outra, como diciendo *es un leon* i llamase metaphora, que quiere dezir transformacion de una cosa a outra’⁹.

⁵ ARISTÓTELES, *Poética*, trad., pref. introd. coment. e apêndice de Eudoro de Sousa, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2008, 1457b7-8; ARISTÓTELES, *Retórica (Obras Completas 8.1)*, trad. Manuel Alexandre Junior, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, Lisboa, 2005, 1405a.

⁶ Cicero definia como *quasi in alieno loco collocatur* e como *o verbum translatum*; Giovanni Vico (1668-1744) define como ‘el tropo mediante o qual a palavra é transportada desde o seu sentido primitivo literal a um outro através de um processo de semelhança, acentuando ainda que este é o mais luminoso e necessário e frequente dos tropos’.

⁷ ARISTÓTELES, *Poética*, 1459a.

⁸ *Ibidem*.

⁹ A. NEBRIJA, *Grammatica Castellana*, edicion critica de Pascual Galindo Romeo Y Luis Muñoz, Madrid, Edición de la Junta del Centenario MCMXLVI, 1946, p. 101. A definição de metáfora de Nebrija é a mesma de Donato, bem como a sua tipificação em espécies sob a esteira de Quintiliano (cf. *Inst. or.* 8.6.4; 9.1.5; 6.3.68).

Para Heinrich Lausberg¹⁰ a metáfora insere-se nos tropos de salto¹¹ que são tirados do *locus a simili* através de um processo comparativo ou de semelhança¹². O autor estabelece ainda uma dualidade entre tropo de pensamento (no qual insere a alegoria) e tropo de palavra (metáfora, anáfora, paralelismo), ambos numa mesma categoria ornamental e subjacentes a um mecanismo de semanticização e transferência de um eixo paradigmático para um eixo sintagmático¹³. Assim, o domínio da imagem realiza-se de forma mais expandida no tropo de pensamento da alegoria, numa cadeira de metáforas continuadas¹⁴.

Dumarsais-Fontanier¹⁵ aceita a ideia de metáfora como principal recurso de ornamentação e como um suplemento discursivo, já que ‘les tropes sont des figures par lesquelles on fait prendre à un mot une signification qui n’est pas précisément la signification propre de ce mot’¹⁶. Acrescenta o autor:

c’est par métaphore que les diferentes classes ou considérations, auxquelles se réduit tout ce qu’on peut dire d’un sujet, sont apelées lieux comuns en rhétorique, et en logique (philosophie) loci communes ... le genre, l’espèce, la cause, les effets & sont des lieux comuns c’est à dire que ce sont comme autant de células où tout le monde peut aller prendre pour ainsi dire, la matière d’un discours et des arguments sur toutes sortes de sujets.

A metáfora tem a sua origem num processo de apreensão imediata de duas ou mais afinidades, numa dinâmica analógica, uma demanda que

¹⁰ H. LAUSBERG, *Elementos de retórica Literária*, trad. R. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 52004.

¹¹ Ver LAUSBERG, § 226

¹² Sobre *similitudo* ver LAUSBERG, § 401.

¹³ Jakobson opta por uma concepção bipolar para uma possível classificação dos tropos – metáfora e metonímia – e assim propõe uma aglutinação dos tropos em duas grandes classes de acordo com as operações de substituição das unidades léxicas: (i) relação de semelhança (metáfora, hipérbole, alegoria); (ii) relação de contiguidade (metonímia, sinédoque). Interessante pela forma como distancia a metáfora da metonímia, que pela tipificação de Lausberg vem mais associada. Ver a teorização de R. JAKOBSON, *Essais de linguistique générale*, Paris, Les Editions de Minuit, 1973; F. SAUSSURE, *Curso de Linguística geral*, Lisboa, Dom Quixote, 81999; L. HJELMSLEV, *Prolégomènes à une théorie du langage*, Paris, Hatier, 1975.

¹⁴ LAUSBERG, §423.

¹⁵ DUMARSAIS-FONTANIER, *Les tropes*, publiées avec une introduction de M. Gérard Genette, Genève, Slatkine Reprints, 1967, p. 163.

¹⁶ *Ibidem*.

radica no espírito poético. Quanto às suas funções, Morier¹⁷ tipifica da seguinte forma o tropo:

La métaphore peut être explicative, didactique, descriptive et pittoresque, esthétique et sensuelle, éclairante et profonde ... la métaphore est considérée comme une comparaison elliptique¹⁸. Elle opera une confrontation de deux objets ou réalités plus ou moins apparentées, en omettant le signe explicite de la comparaison ... termes qui dénoncent un travail logique et suivi de la pensée, sont en principe bannis de la présentation métaphorique: ils sont réservés à des figures moins rapides, la comparaison proprement dite ... tandisqu'on réserve à la métaphore le privilege de l'intuition poétique.¹⁹

Sara Newman, sob a matriz Aristotélica, revela no seu conceito *bringing before the eyes*²⁰ uma capacidade da metáfora de captar a audiência, ativando mecanismos cognitivos e de memória. A linguagem é epistémica, convencional, arbitrária, configuradora e representativa da realidade e a metáfora agiliza-se como um *conceptual underpinning*, que leva à construção de novos significados – processo heurístico.

Sistematizando, estamos diante de um processo de transferência, que nasce desta dinâmica de *similitudo* entre dois termos, que comungam de um mesmo traço semântico, articulando-se ao nível da palavra e com uma função ornamental e supletiva no processo denominativo²¹. Aduz-se, ainda, um potencial heurístico que converte a metáfora num lugar comum e fértil à retórica e à filosofia²², uma pequena fabulita²³ quando ordena e estabelece uma relação entre fenômenos, aparentemente, desconexos.

¹⁷ H. MORIER, *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1961, p. 690-762.

¹⁸ *Ibidem*, p. 693.

¹⁹ *Ibidem*, p. 690.

²⁰ S. NEWMAN, *Aristotle's notion of 'bringing-before-the-eyes' its contributions to Aristotelian and contemporary conceptualizations of Metaphor, Style and Audience*, *Rhetorica* 20.1, 1-23, 2002.

²¹ Vico afirma que 'tanto más elogiada cuando da sentido y pasión a las cosas insensatas' (VICO, *Scienza Nuova*, 1744, § 404).

²² 'La filosofía ... artifice del desvelamiento del logos, llamada a ser medium transparente de comunicación de una certeza objetiva sobre el mundo y sin embargo contaminada por todos los elementos, embriagada de metáforas', in J.M.S. FERNÁNDEZ (ed.), *Metáfora y discurso filosófico*, Madrid, Editorial Tecnos, 2000, p. 9.

²³ G. PATELLA, 'Filosofia en forma: escritura, estilo y metáfora en filosofía', in FERNÁNDEZ (ed.), p. 189.

Torna-se, agora, oportuno colocar a seguinte questão: como se articulam estas valências nos dois domínios epistémicos, isto é, de que forma se assume um lugar comum à retórica e à filosofia?

A tradição retórica foi-se permeabilizando pelos vários campos do saber, dilatou a sua actuação, emancipando-se do seu tratamento mais convencional e sofisticado de persuasão e de *ornatio*. Foi, assim, conquistando espaço em muitos outros domínios epistémicos, levando consigo uma paleta de recursos e expedientes filológicos. Intuitivamente e à partida, somos sensíveis a esta promissora combinação entre retórica e filosofia, mas tentaremos refinar essa relação com um olhar mais atento e escrupuloso.

Na taxonomia aristotélica, o quarto tipo de metáfora tem subjacente um processo de transferência, um carácter imaginativo e inventivo, dependente do mérito individual nesta aproximação de traços semânticos de elementos distintos. O homem na sua condição transitória e demiurga está em constante mudança e a metaforicidade é a expressão disso mesmo, afirma-se como recurso privilegiado nestas intermitências da coisa para a palavra, da palavra para a ideia, articulando as três dimensões: mundo (homem), linguagem (retórica) e pensamento (filosofia): ‘el pensar metafórico es el modo esencial de hacer, decir, conocer’²⁴. A referência humana à realidade é sempre indirecta, prolixa, diferida e sobretudo metafórica.

A metáfora liga-se, umbilicalmente, ao discurso filosófico pelo facto dele se fazer representar através dela²⁵. Na verdade, também a filosofia vai alargando o seu campo de acção e reclamando para si um estatuto mais lato, como confirma Giuseppe Patella:

la cuestión de la forma de la filosofía reclama entonces la dimensión más amplia de relación entre filosofía e institución, filosofía y didáctica, filosofía y tradición, filosofía y escritura, filosofía y retórica.²⁶

O pensamento encontra-se condicionado e encerrado na sua forma, na sua manifestação linguística e enunciativa, num *logos* escrito, nunca alheio às sensibilidades estético-formais. Nos fundamentos platónicos antevê-se já uma retórica filosófica, que germinou em torno de uma comunicação na

²⁴ FÉRNANDEZ, p. 11.

²⁵ Recordemos o estudo conclusivo de P. ROCOEUR, *La métaphore vive*, Paris, Éditions du Seuil, 1975 [trad. esp. *La metáfora viva*, Madrid, Crisandad, 1980]. Paul Ricoeur afirma que é certamente o dinamismo da enunciação metafórica que torna possível o trabalho do pensamento especulativo.

²⁶ FÉRNANDEZ, p. 172.

senda da verdade, em que a *episteme* se sobrepõe à *doxa*, numa conexão de filosofia e retórica, de conteúdo e forma, de verdade e beleza, ‘que sea expresión de la originaria dialecticidad y lingüisticidad del pensamiento, que haga valer su universal función psicagógica, ética, cognoscitiva’²⁷. O vínculo indissociável entre pensamento e linguagem permitiu aproximar a retórica da filosofia e evidenciar a emergência do pensamento metafórico como forma originária do conhecimento humano.

El papel de la metáfora, en cuanto cifra eminente de la retórica, en su calidad de componente constitutiva y esencial del estilo del pensamiento, de la filosofía examinada desde un punto de vista formal y estilístico²⁸ ... La metáfora está en la raíz de nuestro conocimiento, donde la retórica y la filosofía logran su unidad originaria; no podemos por tanto hablar de retórica y de filosofía, sino que toda filosofía originaria es retórica y toda verdadera y no extrínseca retórica es filosofía²⁹.

A metáfora no húnus filosófico renascentista: o *genus sententiarum*

[La métaphore est] la liaison intime de l’art de parler avec l’art de penser, eleva de premier de ces deux arts au rang du second et fit de la grammaire une des parties les plus importantes de la Philosophie ... la grammaire et la philosophie aillent ensemble et que le philosophe ne se dispense pas plus d’être grammaticien que le grammairien d’être philosophe.³⁰

Esta concepção unificadora da arte de falar e da arte de pensar, do fundo e da forma, da *res et uerba*³¹, foi central ao Humanismo e a toda a mundividência renascentista, repercutindo-se na sua historiografia, na qual a lógica inventiva da metáfora é sistematizada, (re)definida e reequacionada. Mas de que forma a metáfora e esta tradição retórico-filosófica clássica é recuperada e rentabilizada pelos humanistas do século XVI? Qual a pertinência do tropo e de que forma se instrumentaliza?

A primeira geração de humanistas italiana, protagonizada por Lorenzo Valla, Angelo Poliziano, Rudolfo Agrícola, fomentou a recepção da

²⁷ Ibidem, p. 185.

²⁸ Ibidem, p. 186.

²⁹ *Apud* FERNÁNDEZ, p. 191.

³⁰ DUMARSAIS-FONTANIER, p. iv.

³¹ *Omnis vero sermo, quo quidem voluntas aliqua enuntiantur, habeat necesse est rem et verba* (QUINTILIANO *Institutio oratoria* 3.3.1).

tratadística clássica, dos seus cânones e regras, dos seus pressupostos teóricos e filológico-filosóficos, um legado cultural que, por mérito de uma instituição docente, se ia consolidando e difundindo por toda a Europa. O estudo e assimilação da *latinitas*, da pureza das estruturas linguísticas, bem como do seu pensamento, das suas formas e conteúdos, é subsidiária desta concepção unificadora da *paideia* humanista, com uma forte filiação a este caudal da Antiguidade Clássica. A *ratio studiorum* pautava-se e afinava-se num substrato cultural, ético e estético, no (re)descobrimento do pensamento platónico e aristotélico, na *auctoritas* e na crença do valor fidedigno do *exemplum*: *longum iter est per praecepta, breue et efficax per exemplum*³². Nesta dinâmica de *contaminatio* paremiológica, os autores renascentistas encontravam uma matriz inspiradora para a novidade dos seus discursos e a originalidade dos seus pensamentos modernos.

Delineadas algumas das principais linhas de força humanistas, constatamos que na historiografia renascentista proliferam obras de carácter sentencioso com o propósito de harmonizar o ideal enciclopédico de sabedoria ao ideal retórico, com primazia para a filosofia moral. Formalizadas num *genus sententiarum*, estas colectâneas e tratados resultavam de um processo de assimilação do saber da Antiguidade, amadurecido e memorizado, repetido e reelaborado, reescrito e renovado sob novos paradigmas, momento em que a *inuentio* e a *ars scribendi* dependia do mérito individual destes vultos das letras europeias. Este é um ponto fundamental para percebermos que nestas *humaniores litterae* reside uma capacidade criativa e cognoscitiva dos intelectuais e filólogos. O mecanismo de criação literária tece-se a dois níveis: (i) *ingenium* e *inventio* através dos quais se descobrem novos nexos significativos na estruturação do mundo; (ii) *elocutio* e *dispositio*, ao nível da expressão, articulando a sintaxe com escolha e enriquecimento lexical, num aprimoramento estético e literário. Na articulação destes dois níveis consolida-se a função psicagógica, ética e heurística da linguagem, na qual a mecânica da metáfora é o motor central. Os aforismos e as *sententiae* congregam o simbólico e o poético, através de uma formulação breve, sentenciosa, aguda e audaz, transmissora de sentido universal, nesta pluralidade de formas e significados, factores dos quais depende a eficácia retórico-filosófica.

Desta forma, no século XVI na Europa, o Humanismo exibiu o seu máximo fulgor pelas aspirações morais, problematizações filosóficas, aliadas a um laborioso trabalho filológico. Os humanistas, apercebendo-se do potencial desta *uox universalis* ao serviço da *performance* pedagógica,

³² Cf. SÊNECA *Cartas a Lucílio* 1.6.5; QUINTILIANO *Institutio oratoria* 12.2.30 e 12.10.48.

imprimem uma nova concepção historiográfica, na qual proliferam colectâneas e obras sentenciosas, um género fértil não só pelo seu carácter enciclopédico – pois organiza e compagina o legado clássico em *loci communes* – mas também por giz a educação integral do indivíduo, com um intenso pendor (per)formativo.

A tratadística humanista coloca o homem diante da sua condição dual, de vícios e virtudes, forças e fragilidades, instiga-o num processo de superação e de conquista da *vera sapientia et felicitas*, um jogo no qual a metáfora é instrumento incontornável de problematização e descoberta. A título de exemplo, destacamos obras como a de André Eborense (*Loci communes sententiarum et exemplorum*), a de Frei Luís de Granada (*Collectanea Moralis Philosophiae*), a de Erasmo de Roterdão (*Adagia*), ou ainda de Luis Vives³³ (obras referenciais como *De initiis, sectis et laudibus philosophiae de concordia et discordia in humano genere*, 1529; *Introductio sapientiam ad*, 1524) – um dos mais importantes tratados pedagógicos do autor. A necessidade e proeminência da metáfora no filosofar retórico dos humanistas é um lugar comum e uma constante.

Habrà que descubrir entonces en la obra de Vives el sentido cognoscitivo del lenguaje metafórico. Aquí se funda la actualidad de su humanismo y la función de la elocución retórica, es decir, el antídoto contra la abstracción del lenguaje racional y del saber medieval que exigía un metalenguaje para expresar la deducción del logos y su juicio metafísico. La concepción tomista del sermo se funda en el significado lógico sin prestar atención a la circunstancia particular del ser.³⁴

O filósofo Luis Vives, à imagem de muitos dos seus contemporâneos, reivindicava essa função da palavra metafórica e apoia-se nos elementos sobre os quais deve ser construído o discurso humano: *sermo, elocutio, natura, ingenium, acumen, similitudo, inventio* e *translatio*. Vives reinventa a palavra metafórica, liberta-se do pensamento escolástico e afirma a supremacia do *verbum* sobre a *ens*. As críticas do humanista frente à linguagem abstracta prendem-se com a necessidade inevitável de transladar a palavra metafórica a partir do discurso retórico, na procura de novos significados e nexos semânticos, instigando-nos a assumir um papel de protagonistas na operação inventiva da linguagem. A parte mais extensa do seu *De causis corruptarum artium* está dedicada à palavra, à lingua-

³³ Cf. E. HIDALGO-SERNA, 'Necesidad y preeminencia de la metáfora. El filosofar retórico de Juan Luis Vives' in FERNÁNDEZ (ed.), p. 46-60.

³⁴ *Ibidem*, p. 47.

gem, à gramática, à dialéctica e à retórica, constituindo mais de dois terços da sua obra. A obra de Vives deve ser lida em parceria com a de Erasmo, pois, tendo sido grandes amigos, comungavam das mesmas ideias, integravam a mesma corrente humanista da Ciência Nova, reintrodutora dos valores greco-romanos e da educação clássica.

A linguagem retórica sustenta-se nas metáforas como efeito supletivo na construção de sentidos, com todas as suas virtualidades de *translatio* filosófica: *necessitas est quum deest verbum quo res significetur*³⁵. O *ingenium* assume-se como pedra angular no processo, se não tomemos como exemplo o cenário imaginativo de Calderón de la Barca (1600-1681), que um século mais tarde faz a síntese deste método poético e retórico de filosofar ingeniosamente: ‘y pues y ala fantasia há entablado el argumento, entable la realidad, la metáfora...’³⁶.

Vives assegura que a eficácia da elocução retórica depende não só da escolha criteriosa e apurada das palavras, na sua forma mais elegante e incisiva, mas também das metáforas que fazem a união com o ritmo e com a plasticidade das imagens, da agudeza dos argumentos e da força dos pensamentos. A capacidade de criar conceitos metafóricos a partir de relações de correspondência constitui a chave da elocução poética, retórica e filosófica do Renascimento.

Em tom mais de provocação do que de conclusão, levantamos uma última interrogação. Numa altura em que despojam a linguagem do pensamento e da sua sedimentação histórico-epistemológica, num período em que nos coagem, silenciosamente, a abdicar da capacidade criativa, em que nos demitimos de desconstruir e reconstruir as nossas convicções e perspectivas, em que privilegiamos, deliberadamente, a leitura literal do mundo porque nos fazem crer que o que existe é apenas o que é tangível, não poderá ser a leitura metafórica do mundo aquela que nos redimensiona e projecta no caminho de novas soluções, aquela que nos instiga a representar e a conhecer, simbolicamente, o homem na sua condição mais polimórfica, compreendendo as suas virtudes, as suas misérias e os seus sonhos? ‘La metáfora produce pensamiento y no al contrario, el verdadero pensamiento es el pensamiento por su naturaleza metafórico, esto es, pensamiento poético, pensamiento total’³⁷.

³⁵ L. VIVES, *De ratione dicendi libri tres. De consultatione*, Rutgerus Rescius, Louanij Bartholomeus Gravius, 1533. p.99-100.

³⁶ P. CALDERÓN DE LA BARCA, *Las ordenes militares (Obras completas 3)*, ed. A. Valbuena Prat, Madrid, Aguilar, 1991, p. 1019.

³⁷ FERNÁNDEZ, p. 193.

TITLE. *Metaphor: the trope's functionality in the articulation between rhetoric and philosophy in Renaissance scenery.*

ABSTRACT. Since aristotelic matrix, the process of *metapherein* derives from *similitudo* and semantic transference, conciliating the rhetoric argumentation and philosophic reflection, the form and the content, *res et verba*. Humanists are faithful in this conjugation, following the ideal of *imitatio* and *aemulatio* of Antiquity. They developed the metaphor's potential converting this trope into pedagogical's instrument and in a source of literary production. This historiographic tradition in Renaissance is abundant in philosophic works, under the sign of morality, which incentivate a plural culture and an encyclopedic knowledge. These productions reveal several metaphorical constructions, organised in *loci communes*, with a scrupulous style. This cultural scenery incentivate man to contemplate himself in the rediscovery of his dual condition, making him conscious aware of his fragilities and weaknesses, of his polymorphic and contradictory dimension, in his greatness and littleness, in his lucidity and blindness, in his kindness and evil: dialectics which shape his true human nature.

KEYWORDS. *Metapherein*; *similitudo* and transference; heuristic potential; cognoscitive capacity of language; symbolic representation of man.